

Sobre defesas primitivas e desamparo: um relato clínico¹

Adriana Rotelli Resende Rapeli²

“Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas [...] tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro.”

Clarice Lispector

RESUMO: A partir de relato clínico, busca-se entender o severo sofrimento psíquico vivenciado por uma mulher às voltas com sua rotina doméstica. As graves defesas primitivas parecem paradoxalmente não lhe proteger e talvez ainda lhe causar sentimentos de intenso desamparo. Conceitos de Bion e Esther Bick são usados, além de outros autores que também tornaram possíveis estudos sobre estados primitivos da mente. A relação analítica é vista como uma tentativa de transformar essas experiências.

PALAVRAS-CHAVE: desamparo; defesas primitivas; estados primitivos da mente

Depois que a casa estava limpa, toda a roupa lavada e passada, depois da tarefa de uma vida doméstica já realizada, ela temia a hora em que acordava para um dia qualquer. Um dia a ocupar, às voltas com o silêncio da ordem das coisas que dela não mais precisavam. Ester não conseguia precaver-se da tarde perigosa de sua vida, do abismo das horas cada vez mais vagas. E ainda hoje, avizinhandose

1. Este trabalho originalmente foi apresentado no Congresso FEPAL, Lima, 2018, como participação no painel “El Desamparo Deconstruído y Transformado”.

2. Psiquiatra. Psicanalista. Membro Associado da SBPRJ e SBPSP.

da velhice e invadida pelo desânimo, não se sentia bem para se lançar às tarefas que sempre fizera e que irreversivelmente perderam o sentido de realizar. Por que mesmo precisaria lavar ou passar roupas todos os dias?

Ester não conseguia sequer cochilar à tarde e se aterrorizava. Desde menina temia acordar, era difícil dormir também. Agora, parecia que cair no sono era um despencar na angústia, de modo que rapidamente acordava sobressaltada, em pânico, com uma voz de comando insistente: “as roupas, as roupas”. As roupas que não lavou, que não passou, ou que não guardou...

Cuidar das roupas de vestir, suas e do marido, é única tarefa doméstica que ainda preserva só para si. O marido compra as refeições prontas para o almoço, jantam um lanche. Os pais já falecidos, uma única irmã que encontra eventualmente, a filha única há anos fora de casa, nenhuma amiga próxima.

“Bem ou mal”, ela diz, o marido está lá a assegurar a rotina que também odeia. Ela o ouve com crescente revolta: “de novo você está se sentindo mal?”. Ela se queixa que ele consegue dormir e roncar intoleravelmente para a sua audiência insone. Ele, que trabalha fora de casa, cujas manias não só se sustentam, como se reforçam na velhice: seria ele mais apto à sobrevivência? Sem conversa com ele ou outro interlocutor, é a sua própria voz que irrompe: “as roupas, as roupas”.

Estranhamente à queixa de falta de energia, há uma vigorosa angústia manifesta em ansiedade. Tremor, suor, mal-estar, inquietação. Sintomas que apareceram insidiosos aos 40 anos e, agora, depois dos 50, irromperam com intensidade e resistem a tratamentos psiquiátricos diversos: antidepressivos, antipsicóticos, estabilizadores de humor, tranquilizantes, psicoterapia de apoio. E foram dezenas de sessões de eletroconvulsoterapia meses atrás. Nenhum com resultado satisfatório, apenas amenizações passageiras.

A atual condição diagnosticada pelos três últimos psiquiatras como depressão, entretanto, parece ser mais antiga. Ela se lembrou de uma foto sua quando menina em que se reconhece “triste e diferente”. A menina, dona do olhar tristonho, que parece ter enfrentado a grande aventura da vida adulta com o acolhimento, como se se agachasse para a passagem de uma ventania. Fala em diminutivos: “gosto do creminho na mão... de tomar um solzinho... comprei umas frutinhas...”. A maneira infantilizada de referir-se a si, entretanto, não combina com seu porte físico – é uma mulher alta e vistosa – ou com o tamanho de sua angústia. Só recentemente deixou à vontade os cabelos naturalmente crespos, antes alisados à força de um comportamento obediente. E guarda, junto com a timidez, um misto de força, como uma rainha confinada a um lar, uma Cinderela, entre sabões e água de lavar. Ela não se queixa de nada, a não ser da sua

angústia, que eu presumia ser fonte de morte e vida. A angústia libidinosa, que escorria em suas mãos úmidas, já lhe levou a duas recentes tentativas de suicídio: quase se enforcou com a corda do varal de roupas e com o fio da máquina de lavar tentou se eletrocutar, além de fazer cortes no pulso com a faca de carne.

Surpreendentemente, quando está fora do estado de angústia (liberada da constrição de sua alma), ela usa bem as palavras. Ou as usa melhor: disse que a filha (que lhe encaminhou para a análise) notava a novidade em recentes mensagens escritas. E, após poucas semanas de trabalho, já havíamos desenvolvido algum vocabulário comum. Ester não só se mostrava à vontade com as metáforas, como por elas parecia ávida. Nestes momentos, vivemos saltos em seu discurso geralmente monótono e ao rés-do-chão. Ela me perguntou: “Onde a doutora compra as suas roupas? Porque parece que caem bem. Eu ando procurando um jeito de me vestir...”. Embora esta mudança possa ser fruto de uma rápida identificação comigo, observei que ela usava com liberdade, em sessões seguintes, algum entendimento feito com palavras nossas e o destacava, como se colocasse ali entre aspas uma citação. Quando lhe sinalizei este uso, ela me disse: “eu não esqueço o que conversamos, eu aprendo muito com a doutora”.

Já o contato consigo, ainda que incipiente, é avassalador. E o silêncio, o vazio das tardes, é interrompido pelo chamado: “as roupas, as roupas”. Juntas, pensamos ser essa voz a sua ligação com a vida – a atividade conhecida, o compromisso antigo, o fazer que lhe conferia alguma identidade. Não parecia ser uma narração com derivação de sentido. Era sentido bruto, original e terminal, simultaneamente um embrião-fóssil, quem sabe a precária tentativa de um ponto final para reticências insuportáveis.

A única filha de Ester formou-se e se mudou para lugar distante, com o namorado. Gosta de ver nela uma mulher adulta, moderna e ousada. Não se ressentia da distância – talvez porque a filha lhe confinasse mais à casa, ela diz. Mas parece dissociada da evidência, pois foi com a saída da filha que o quadro diagnosticado psiquiatricamente como depressivo se agravou. De novo, um incômodo, a conflitiva coincidência, pois também parece ser o amor desinteressado de se lançar fora de si, no estímulo à vida diferente da filha, um outro destino de mulher, e as raízes firmes que lhe apavoram: o de querer e não conseguir saber como viver fora do *acting* do fazer diário, do cotidiano que se repete como eternidade.

Ester já havia passado por breve experiência de psicoterapia e não se adaptou. Gostou de estar comigo, ela diz. Mas inicialmente insistiu para que eu assumisse o seu tratamento psiquiátrico, estava com o mesmo psiquiatra no último ano, mas já havia tentado com ao menos três outros. Queria de mim

o modo conhecido, de ser orientada no que fazer, o mesmo modo que sentia como um aprisionamento. Vivemos um impasse, pois ela dizia precisar de “dicas” para manejar sua ansiedade e que não viria mais para as sessões. Eu lhe disse que, ao contrário, se ela me ouvisse lhe dizendo o que fazer, aí sim ela deveria mesmo interromper o nosso trabalho.

II

“Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela.”

Clarice Lispector

Ana, do conto “Amor”, da escritora Clarice Lispector, vê o seu dia, que parecia normal e correto, sofrer um abalo – um abalo como o do bonde que lhe faz cair a sacola de compras e os ovos se quebrarem. Ainda que em náusea e espanto, encontrar-se inusitadamente consigo mesma foi possível para Ana, como uma brecha em sua existência. Ester, entretanto, não experimentou uma epifania. Parece ter vivido uma ruptura cujas fendas se alargaram em abismo. O mal estava feito, o ovo se rompeu e não mais coube em seu invólucro. Pois, quem era ela agora?

Ester não pode dormir, descansar. Achou que nem para se matar foi bem-sucedida, sentiu-se envergonhada por sobreviver. Condenada a um limbo, uma fronteira: não se sente apta a viver nem a morrer. Perdeu a sua função de dona de casa. Há muitos anos não tem mais a mãe, a quem visitava diariamente. Cuidou algum tempo do pai viúvo, há cinco anos também ele falecido. Será que reclama é da falência da identidade desenvolvida como uma roupa, que lhe dava um sentido de ser, de existir, lhe caracterizava com alguma consistência?

Quando nos encontramos, Ester e eu, na encruzilhada da estrada da vida de ambas, qual a tarefa que nos cabe? Que originalidade deste encontro de sessões de análise em tempo e hora marcadas poderíamos buscar no meio da tarde infinita? Quais recursos usaremos para suportar o presente agudo de uma sessão de análise, seu desamparo essencial? Como no samba de Noel Rosa, eu pergunto “*com que roupa, com que roupa eu vou?*”³

Compartilho um fragmento clínico: trata-se da primeira sessão da semana. Ester chega pontualmente. Abatida, com olheiras, mas tem a aparência cui-

3. Noel Rosa (1910-1937), “Com que roupa?”, 1930.

dada, usa roupas leves e discretas. Cumprimenta-me enquanto me olha, como se já me mostrasse, com o aperto demorado de sua mão úmida e fria, o seu sofrimento e fragilidade. A sensação que tenho é a do contato com uma pele fina, sem proteção, uma pele-mucosa, que perde calor e se desidrata rapidamente. Como uma lesma ou uma rã. Causa-me imediata aversão, pois não fosse o suor, também me parece o contato com um corpo morto. Ela se deita, estende os braços ao longo do corpo.

Ester: Esta crise está muito forte, é uma ansiedade, uma angústia, eu não estou aguentando... eu não consigo mais, não suporto fazer nada... o pouco que faço é tão difícil... (Em choro-lamento quase incompreensível)

Adriana: Ansiedade, angústia, uma crise difícil de aguentar: você me fala de algo forte e algo fraco...

E: (responde imediatamente num tom irritado): Não sei que palavras usar.

A: Nós não sabemos como falar mesmo. Ainda temos que buscar palavras que nos ajudem a conversar sobre isto. Mas eu notei algo diferente. A mim me parece uma novidade a raiva, a irritação com que você fala disto. Parece forte.

E: (resposta imediata): Eu não queria estar assim. Eu queria melhorar, descansar...

A: Como é melhorar e do quê? Quem sabe você me explica melhor.

E: (Num tom auto recriminatório): uma coisa bem simples, até para escolher uma roupa para sair eu penso em escolher uma que não dê tanto trabalho depois para lavar e passar...

A: Não seria compreensível que alguém que esteja com dificuldades de fazer estas tarefas, possa tentar torná-las mais fáceis?

E: Mas eu não era assim, não tinha isto! (Em forma de queixa, em um tom mais irado).

Ester vive em desespero e agonia, reclama o seu sofrer. Parece haver cansaço e ódio de não ter conseguido alívio por si mesma. Sinto como se cobrasse, de antemão, a minha falência de já não ter lhe aliviado até ela ali estar. Chego a pensar no aperto de mãos como a momentânea fusão de nossos corpos, na confluência de peles que se deu através do suor. No gesto, talvez a procura de um “passe”, o milagre dos descrentes.

A descrença em ter ajuda do outro – o outro dela mesma ou eu – talvez seja a contraparte da crença mágica dessa busca de alívio total e imediato. Tal demanda, excessiva e radical, parece caracterizar um ato desesperado, pois ou tudo ou nada lhe resolve. O nosso contato, marcado por esta demanda, foi sentido por mim naquele primeiro aperto de mãos, um impacto de tal intensidade que me

causa repulsa. O suor que nos envolve me desnuda na impotência do encontro analítico. Esta seria a dimensão humana de duas pessoas que podem, na melhor de suas capacidades, pensar juntas. Grande passo para a humanidade, porém pequeno para deuses. Quem sabe seja este o perigo deste encontro, encruzilhada em que se cumpre o destino de angústias onipotentes: ela, eu, a psicanálise?

A condição de des-organização psíquica de Ester me remete à outra. Esther Bick (1991), em seu entendimento das vivências de desmantelamento e de esvaziamento que, aquém das ansiedades paranoides e depressivas, um ego não integrado experimenta. A defesa diante destas terríveis angústias é a busca frenética por um objeto continente que, ao menos momentaneamente, organize o caos sensorial. Este objeto seria sentido como uma pele a conter as partes não integradas da personalidade. Segundo Bick, na ausência da introjeção desta função continente, a construção do espaço interno fica prejudicada, pois se mantém inalterável um funcionamento psíquico baseado em excessivas identificações projetivas.

Bion, em “A teoria do pensar” (1991), entendeu que, no outro polo dinâmico deste “desenvolvimento hipertrofiado do aparelho de identificação projetiva” (p. 187) da consciência rudimentar estaria a incapacidade de acolhimento de uma função continente que permitisse a mitigação destas intensidades através da transformação, por exemplo, de vivências de terror em sentimentos de medo. As sensações não contidas ficam condenadas a uma eternidade consciente, despojadas da penumbra de significados que lhe somariam complexidade e profundidade.

Ainda neste artigo seminal, Bion nos lembra que, se ainda houver uma intensidade impeditiva de suportar a realidade, a personalidade desenvolve, como substituto do desenvolvimento do pensar baseado no aprender com a experiência, uma consciência prematura e frágil que prejudica severamente a noção de si mesmo e do mundo. Pois a reintrojeção das identificações projetivas não contidas nem transformadas se dará com a mesma força e frequência com que foram projetadas e a identificação se dará com um objeto interno degenerado, porque destituído das qualidades que poderiam ser boas (Bion, 1991). “O estabelecimento interno de um objeto que rejeita a identificação projetiva significa que, ao invés de um objeto compreensivo, o bebê fica com um objeto que propositadamente não compreende – com o qual se identifica” (Bion, 1991, p. 190).

Posso assim entender Ester chegando a mim em caos e fúria, transudando seus conteúdos insuportáveis. Diante da força avassaladora de seus impulsos de vida-morte, já traz consigo a identificação com a sua perda. A consciência

primitiva, que imagino como uma casca espessada moldando – e com risco de comprimir – o conteúdo informe, no qual a turbulência é gerada em si e apesar dela, selvagem. A vida que lhe pulsa e chama de dentro, a lava incandescente que ainda insiste em lhe criar.

III

*“[...] sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas.
E isso um lar perplexamente lhe dera.”*

Clarice Lispector

Tentarei lhes contar como a mesma sessão continua: o seu protesto é veemente. Ficamos em silêncio. E então eu me surpreendo olhando para ela, detendo-me no reflexo da luz que vem de fora, do sol da tarde, em seus brincos.

A: Estou aqui pensando na escolha de suas roupas. Acho que até a roupa que a gente escolhe pode ter importância. Dizem que Deus e a poesia moram nos detalhes.

E: Como é isto?

A: Porque qualquer coisa pode ganhar a vida e a importância que lhes damos. Eu daqui vejo hoje os brincos de pérolas que você escolheu para usar. Um pintor famoso fez um quadro há muito tempo. Parecia que no brilho da luz refletido na pérola do brinco, estava a alma da mulher.⁴

E: Ah, eu gosto de manter o cuidado comigo, este brinco eu gosto mais que outros, parece que ele é mais meu que outros que eu tenho (algum entusiasmo). Eu gosto de passar meus cremes, não quero ficar feia, gosto de fazer as unhas... (em voz embargada e quase sussurrada): A manicure ligou para confirmar o horário e eu pedi para ela se eu podia confirmar depois.

A: E por que mesmo você não iria?

E: Se eu não consigo fazer nada em casa, ainda vou fazer as unhas?

A: O que você me explica parece ser uma lei severa, uma espécie de lógica de merecimento: você só pode se sentir bem com as unhas feitas se der conta de fazer suas tarefas?

E: (suspira) Não sei... não tinha pensado nisto.

4. Faça aqui a referência ao quadro “Moça com brinco de pérola” (*Meisje met de parel*) de Johannes Vermeer (1665).

Vivemos uma grande dificuldade, pois em seu desespero, ela teria que *melhorar* (ainda que não saibamos o que é isto) a qualquer custo, sem acreditar que possa ser ajudada de modo personalizado, pois nada de si parece ter valor de contribuição. Talvez daí a submissão a inúmeros tratamentos, mesmo que com efeitos colaterais incômodos, pois há uma busca por algo externo que elimine as angústias.

IV

*“[...] sempre sentira que era muito, muito perigoso viver,
por um só dia que fosse.”*

Clarice Lispector

Procurei trazer aqui a vivência compartilhada com Ester de seu brutal desamparo, o palmilhar da ancestralidade do desenvolvimento mental e seus entraves mortíferos. As vivências de tais angústias primitivas são como as forças de uma cosmogonia. Trazem em si o máximo da potência criativa, mas sua intensidade também é devastadora, som e fúria.

À abertura na Psicanálise dada por Melanie Klein e Bion de um vasto campo de estudos sobre o funcionamento de estados primitivos da mente, se seguiram os estudos que Meltzer iniciou com Bick, depois as suas explorações sobre autismo e as posteriores contribuições de Tustin e de Ogden. Entre nós, Braga, Korbivcher e outros também se dedicam a este campo já há quase duas décadas. Estes autores trouxeram importantes considerações sobre as repercussões sofridas pela mente do analista e a permeabilidade de uma técnica necessária para o encontro psicanalítico que promova a transformação psíquica.

Ogden (1996), por exemplo, trouxe-nos a ideia de um modo de organização mental mais primitivo que a posição esquizoparanoide descrita por Klein. Neste modo precário de um mundo em formação, que ele denominou de “posição autista-contígua”, as conexões pré-simbólicas são dadas por conexões das impressões sensoriais, como uma superfície, uma falsa pele a delimitar a experiência de coesão do self. De novo aqui nos referenciamos a Bick, que, com Meltzer, conceituou a identificação adesiva como um modo muito primitivo de identificação através das superfícies, pela falha de uma experiência objetual capaz de propiciar o espaço interno para mecanismos como projeção ou introjeção. A identificação se daria pela superfície, uma espécie de imitação resultando em inautenticidade. A angústia que viria do colapso desta frágil organização

mental seria vivida como perda da delimitação sensorial, perda dos conteúdos corporais (as lágrimas, a saliva vazando, os esfíncteres e outras contenções falhando). Uma vivência abissal, talvez como o terror de cair – até mesmo de cair no sono – de escoar-se em um espaço infinito e informe. “As roupas, as roupas”, pelas quais clama Ester.

Antes de Ogden, Tustin (1981) havia descrito as formas e objetos autísticos que, como concha, protegem o ego precariamente organizado do pavor inominável do vazio, do buraco. Um ovo lispectoriano? Sofrendo o impacto de tais angústias, há o desafio da compreensão por parte do analista. Tustin (1981) descreve a luta para o analista se manter em abertura psíquica (em capacidade negativa, segundo a recomendação de Bion), enquanto se sente “arremessado para longe, para espaços longínquos” (p. 693).

Korbivcher (1999) comenta sobre a dificuldade de captação do nível de organização mental do paciente para que se estabeleça a comunicação, dificuldade dessa que esbarra em nossos próprios limites. Diante do envoltório defensivo de núcleos autísticos, o analista pode ser estimulado a anular a própria existência (Korbivcher, 2007). Para a autora, o contato com os fenômenos protomentais (especialmente os autísticos), com manifestações da mente primitiva e áreas de não representação psíquica provocariam no analista “uma atmosfera caótica devido à desorganização ocasionada nos sistemas de referência por nós utilizados, dificultando a manutenção do vértice psicanalítico.” (Korbivcher, 2006, p. 113)

Marques (2004) também aborda a dedicação necessária para a apreensão de estados emocionais primitivos no processo analítico. No trabalho aqui citado, ela privilegia a comunicação pré-verbal, que é apresentada em protoemoções, tais como oscilações de palidez-rubor da pele, por exemplo. E alerta para o risco de, enquanto analistas, experimentarmos um estado mental explosivo, indiferenciado, que são os atributos que acompanham as protoemoções.

É vívida para mim a descrição que a autora faz de alguns momentos agudos com seu paciente: “quando ele precisa se identificar totalmente comigo e então lhe falta a percepção dos seus próprios sentimentos, convida-me a entrar num estado mental doloroso de indiscriminação” (Marques, 2004, p. 871), em que se experimenta profundas angústias de desintegração, falta de referência e orfandade.

A noção trazida por Bion de que, na ancestralidade da mente, as protoemoções, ainda sem significação, são também perturbadores terrores subtalâmicos merece ser melhor entendida (Schellekes, 2012). Diante da intensidade destas angústias primitivas, as poucas defesas são também de grande força. E o funcionamento psíquico neste nível de estruturação resulta no apequenamento

da mente, pelo não desenvolvimento do pensamento, longe de se formarem como experiências que constituam um acervo pessoal de aprendizado.

Trago de Bion a noção de que, reagindo à precariedade deste psiquismo e nascida sem sustentação, a consciência formada precocemente funciona com onisciência, que a tudo condena, sem pensar. Pela negação da realidade, as percepções são julgadas como rigidamente certas ou erradas e não como verdadeiras ou falsas (Bion, 1991). Utilizando critérios absurdos (como a paciente julga a questão da manicure), de uma moral psicótica, esta consciência é desorientadora. Não serve de norte diante da complexidade das situações humanas. O sofrimento causado pode ser insuportável, a ponto de levá-la ao suicídio.⁵

Bion traz o desafio de abordar tal configuração, denominada por ele mais tarde como uma culpa básica, fundamental:

[...] o que devo dizer à paciente? Qual interpretação devo dar? [...] Agora, se eu permanecer em silêncio, estarei me pondo na posição de ser esta consciência moral, o que não é bom para ela. [...] Mas se eu fosse o analista, não saberia ao certo se poderia me dar ao luxo de esperar, ou se isso faria com que ela se sentisse, mais do que nunca, com medo de mim, como esta consciência moral hostil e inútil. (Mattos & Braga, 2009, p. 154-155)

Se almejamos, junto com o analisando, o desenvolvimento mental, parece ser necessária lenta e cuidadosa desconstrução de padrões rígidos. Nesta tarefa, a roupa que melhor nos cabe como analistas é aquela que nos ajude a ter abertura para novos entendimentos. A solidão do nosso trabalho, entretanto, pode ser amparada pela vestimenta diáfana, tecida no grande tear das aquisições culturais que a humanidade transformou sua evolução. Dentre elas, a própria Psicanálise. Creio ser este o principal propósito deste trabalho.

On primitive defenses and helplessness: a clinical report

ABSTRACT *Based on a clinical report, the author seeks understandings of the severe psychic suffering experienced by a woman grappling with her domestic routine. The grave primitive*

5. A referência a estes conceitos me remete a Ney Marinho, com quem, desde minha formação na SBPRJ, tenho o privilégio de aprender. Penso que sua visão teórico-clínica e humanística enriquece não só a compreensão dos conceitos de Bion, mas da Psicanálise brasileira.

defenses paradoxically do not seem to protect her and, perhaps, still produce intense feelings of helplessness. Concepts of Bion and Esther Bick are used, and other authors who have also made possible studies on primitive states of mind. The analytical relationship is seen as an attempt to transform these experiences

KEYWORDS: *helplessness; primitive defenses; primitive states of mind*

Sobre las defensas primitivas y el desamparo: un relato clínico

RESUMEN *A partir de un informe clínico, la autora busca comprensión del severo sufrimiento psíquico experimentado por una mujer limitada en su rutina doméstica. La gravedad de las defensas primitivas es tal que estas paradójicamente no parecen protegerla y todavía causan intensos sentimientos de desamparo. Se utilizan conceptos de Bion y Esther Bick, y otros autores que también han hecho posibles estudios de estados primitivos de la mente. La relación analítica puede ser un intento de transformar estas experiencias.*

PALABRAS CLAVE: *desamparo; defensas primitivas; estados primitivos de la mente*

Referências

- Bick, E. (1991). A experiência da pele em relações de objeto arcaicas. In E. B. Spillius (Org.), *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica* (Vol. 1, pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. (1991). Uma teoria do pensar. In E. B. Spillius (Org.), *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica* (Vol. 1, pp. 185-193). Rio de Janeiro: Imago.
- Korbivcher, C. F. (1999). Mente primitiva e pensamento. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 33(4), 687-707.
- Korbivcher, C. F. (2005). A mente do analista e as transformações autísticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 39(4), 113-130.
- Korbivcher, C. F. (2007). Bion e Tustin: os fenômenos autísticos e o referencial de Bion: uma proposta de aproximação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(2), 54-62.
- Lispector, C. (1998). Amor. In C. Lispector, *Laços de família* (pp. 19-29). Rio de Janeiro: Rocco.
- Marques, T. H. T. (2004). Conjeturando a expressão dos estados mentais primitivos na relação analítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(4), 867- 883.
- Mattos, J. A. & Braga, J. C. (2009). Consciência moral primitiva: um vislumbre da mente primordial. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(3), 141-158.
- Ogden, T. H. S. (1996). Sobre o conceito de uma posição autística-contígua. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 30(2), 341-364.
- Schellekes, A. (2012). Desenvolvimento mental precoce e estados mentais primitivos: um breve panorama. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(4), (187-195).

Adriana Rotelli Resende Rapeli

Tustin, F. (1981). Psychological birth and psychological catastrophe. In J. Grostein (Org.), *Do I dare disturb the universe?* (pp. 182-195). Beverly Hills: Cesura Press.

Recebido: 14/11/2019

Aceito: 11/02/2021

Adriana Rotelli Resende Rapeli

Rua Felício Colferai, 174,

Itapira – SP – CEP:13.76-183

(19) 38432129 e (19) 997511828

adrianarapeli@gmail.com